

# OS PRÉMIO CAMÕES AFRICANOS

## EM LIVROS TEMÁTICOS E A TRADUÇÃO

### DE OBRAS DOS GALARDOADOS NA BULGÁRIA

Petar Petrov

U. Algarve / CLEPUL

Com o título genérico *Meridianos Lusófonos*, foram publicados, em Portugal, dois livros temáticos, concebidos no sentido de fornecer estudos das obras dos escritores que receberam o Prémio Camões, no período compreendido entre 1989 e 2016. Recorde-se que o referido prémio é o mais importante galardão dedicado às Literaturas de Língua Portuguesa, instituído em 1989, com o objetivo de premiar anualmente um autor que, pela qualidade da sua produção artística, tenha contribuído para o enriquecimento do património literário e cultural em Língua Portuguesa. Assim, no seu conjunto, os estudos nos volumes em causa incidem sobre diferentes géneros do artefacto artístico verbal, cultivados por escritores portugueses, brasileiros e africanos.

No primeiro livro temático, intitulado *Meridianos Lusófonos. Prémio Camões (1989-2007)*, organizado por Petar Petrov e publicado em 2008, três estudos contemplam a produção literária dos autores africanos premiados: o moçambicano José Craveirinha, galardoado em 1991, e os angolanos Pepetele e Luandino Vieira, Prémio Camões em 1997 e 2006, respetivamente.

O estudo sobre a obra de José Craveirinha é da autoria de Ana Mafalda Leite, professora da Universidade de Lisboa, e se intitula “A oficina narrativa da poesia na escrita de José Craveirinha”. Assim, relendo os contos e as crónicas de José Craveirinha, Ana Mafalda Leite chega a interessantes hipóteses de trabalho na sequência dos seus dois estudos sobre a poética do escritor moçambicano: o primeiro a explorar o tópico da passagem da poeticidade à narratividade e, o segundo, a incidir sobre a combinatória do registo culto

com práticas orais do sul de Moçambique. Trata-se, assim, de poesia narrativa, porque os poemas evidenciam uma forte carga narrativa e os contos e as crónicas têm uma vertente poética fundamental. Avança-se com novas hipóteses de trabalho, baseadas nos pressupostos de que alguns poemas de Craveirinha são outra versão dos contos, recriando também temas de algumas crónicas. Para além disto, a relação genética dos contos com os poemas estabeleceu-se através do aproveitamento de assuntos, ritmos, construções frásicas e marcas estilísticas. Por fim, outra hipótese de trabalho se perfila: alguns contos fazem a transição para os poemas, uma vez que os seus enredos são muito fragmentados e a enunciação do narrador assemelha-se à de um sujeito poético. Por conseguinte, a oficina narrativa da poética de José Craveirinha representa uma teia de diferentes modalidades expressivas que se entrelaçam, consubstanciando uma escrita em processo.

O estudo sobre a obra de Pepetela é da autoria de Alberto Carvalho, professor da Universidade de Lisboa, com o título “Pepetela: coordenadas e percursos de escrita”. O seu teor apresenta-se estruturado em quatro partes: Prolegómenos, Historicidade, Autor e Obra, e Percursos. É na terceira e quarta partes que são desenvolvidas as ideias relacionadas com a produção literária de Pepetela, entre 1973 e 2005. Assim, refere o ensaísta que o percurso existencial do autor angolano condicionou o comprometimento da sua escrita. Chama a atenção para a heterogeneidade das suas primeiras obras, que apresentam três traços fundamentais: uma pedagogia expressamente militante, uma reflexão iconoclasta sobre a mitologia dos heróis da guerra colonial e dois exercícios dramáticos de cariz pedagógico e mobilizador. A heterogeneidade revela-se também em dois eixos estéticos: o da referencialidade direta e denotativa, com metatextos a evidenciar uma didática realista, e o da opacidade, com a eleição de conotações de valor alegórico. Na parte dedicada aos Percursos, as obras de Pepetela são ordenadas em três grandes paradigmas: “reflexão política: prescrição”, “crítica ideológica: didatismo” e “crítica social: morigeração”. O primeiro paradigma conta com dois romances e dois textos dramáticos, publicados entre 1973 e 1980; ao segundo pertencem quatro romances, editados entre 1992 e 2000; no terceiro incluem-se três narrativas romanceadas, datadas de 2001, 2003 e 2005. Mas podem ser distinguidos mais três paradigmas: “saga”, com dois títulos, “moralidade”, com um título, e “poética / teoria”, que se revela em dois romances. Assina-

la-se, igualmente, que no paradigma geral “crítica” é possível distinguir duas vertentes: por um lado, um programa narrativo comprometido, e, por outro, “o papel social do militante no horizonte do «novo homem» angolano”.

O último estudo do primeiro livro temático é sobre a obra de Luandino Vieira e é da responsabilidade de Salvato Trigo, Reitor da Universidade Fernando Pessoa, intitulado “A heteronímia e Luandino”. Partindo da heteronímia de Fernando Pessoa, Salvato Trigo procura estabelecer uma relação entre os comentários genotéticos do poeta português e o processo de escrita praticada por Luandino Vieira em *João Vêncio: os seus amores*. Mais concretamente, a obra luandina lembraria a dimensão heteronímica de Álvaro de Campos, que defendeu e cultivou a estética não-aristotélica, quer dizer, aquela que não respeita a unidade e o belo como categorias superiores da arte. Isto porque a “estória” do escritor angolano declara ser “uma tentativa de ambaquismo literário, a partir do calão, gíria e termos chulos”. Recorda-se que o sensacionismo pessoano é um projeto estético para a concretização de uma arte literária liberta dos cânones aristotélicos. De modo semelhante, o ambaquismo luandino, na obra em causa, é uma forma de sensacionismo, porque privilegia a sensação sobre outra manifestação psíquica ou psicofisiológica. Por outro lado, o texto é construído em forma de diálogo que, de facto, não existe, uma vez que o suposto interlocutor não assume qualquer fala. No entanto a “estória” tem uma estrutura dialógica que é própria da carnavalesização, cuja lógica é reforçada por linguagens múltiplas, porque João Vêncio utiliza neologismos de várias línguas e de segmentos linguísticos originais. Por fim, o realce da vertente carnavalesca passa pelo recurso à paródia do sagrado, que tem o mesmo sentido pagão de Ricardo Reis, subvertendo as velhas crenças de uma fé inquestionável.

No segundo livro temático, intitulado *Meridianos Lusófonos. Prémio Camões (2008-2016)*, também organizado por Petar Petrov e publicado em 2018, dois estudos incidem sobre a produção literária do cabo-verdiano Arménio Vieira, premiado em 2009, e do moçambicano Mía Couto, galardoado em 2013.

Sobre a obra de Arménio Vieira, o estudo é da autoria de Filinto Elísio, escritor, curador e editor cabo-verdiano, com o título “Arménio Vieira – Cabo Verde, Literatura-Mundo & *Mater Mundi*”. Na perspetiva de Filinto Elísio, a obra de Arménio Vieira, composta predominantemente por antolo-

gias de poemas e dois livros em prosa, merece entrar, pela sua singularidade, no cânone das literaturas de língua portuguesa, mas também no universo da chamada Poesia-Mundo. Segundo certos críticos, a produção poética de Arménio Vieira representa uma mudança de paradigma na poesia cabo-verdiana pela sua componente temática universal, pela rutura com a mundividência telúrica do ilhéu e pelo afastamento da tradição escrita de feição nacionalista. Isto devido à formação do poeta e às influências de autores da Literatura-Mundo, evidentes ao longo do seu percurso criativo. O próprio poeta refere os seguintes nomes que o inspiraram na sua escrita: Homero, Dante, Shakespeare, Poe, Rimbaud, Elliot, Pound, Whitman, Álvaro de Campos, Camões e Pessoa, entre outros. Trata-se, assim, de um escritor detentor de um enorme e diverso lastro cultural, cuja poesia dialoga com os clássicos greco-latinos e com a literatura europeia erudita, com ênfase na portuguesa, francesa e anglo-saxónica. Deste modo, a produção poética de Arménio Vieira situa-se num espaço transfronteiriço, pertencendo à modernidade tardia, fase de emergência de novas identidades e de novas formas de expressão axiológica e estética, habitando completamente a galáxia da Poesia-Mundo.

Por fim, a produção ficcional de Mia Couto é objeto de atenção no estudo da autoria de Petar Petrov, professor da Universidade do Algarve e investigador do CLEPUL, intitulado “O pós-modernismo e o projeto literário de Mia Couto”. Segundo Petar Petrov, nos contos e nos romances do projeto literário de Mia Couto é visível a presença de temas, estratégias e posturas artísticas próprias do código literário do pós-modernismo. Do ponto de vista semântico, a problemática das identidades impuras assume um papel relevante, apontando para a relativização de valores numa sociedade em processo de evolução. Por seu lado, as suas narrativas evidenciam diferenças significativas relativamente às estratégias adotadas por prosadores que recorrem às chamadas formas eruditas. As diferenças situam-se no plano discursivo, que demonstra a convivência de heranças tradicionais com registos literários da esfera da modernidade. No que diz respeito às modalidades representativas do autor moçambicano, a opção pelo realismo mágico-maravilhoso funciona como prova de uma complexificação genológica e estilística que se coaduna com a pluralidade expressiva do pós-modernismo. Quanto aos desígnios pragmáticos, o projeto literário de Mia Couto promulga a incerteza ontológica, ou seja, a simbiose entre o erudito e o popular questiona o logocentrismo e os sistemas estéticos fixos e consagrados.

No que diz respeito às traduções para a língua búlgara de produção literária dos autores africanos galardoados com o Prémio Camões, destacam-se três livros: uma antologia de poesia e contos de escritores moçambicanos, e dois romances, um do angolano Pepetela e outro do cabo-verdiano Germano Almeida, este último Prémio Camões 2019.

O primeiro livro intitula-se *Antologia da literatura moçambicana*, edição bilingue português-búlgaro, publicado em Sófia, em 2004, no qual estão incluídos os seguintes poemas de José Craveirinha: “Amor a doer”, “Mãe”, “Quero ser tambor”, “Grito Negro” e “Manifesto”. No prefácio de Petar Petrov, pode ler-se:

O mais importante escritor com produção poética de cariz protestatário em Moçambique foi José Craveirinha. Mestiço de mãe africana e pai português, Craveirinha contribuiu, de forma invulgar, para o enobrecimento da poesia do seu país. Artista de maior projeção internacional, toda a sua produção foi orientada no sentido de valorizar cada vez mais a sua pátria, estando os seus versos a serviço de uma reivindicação racial para os humilhados homens de cor. Importa assinalar, a este propósito, a sua técnica retórica arrogante, que persegue uma intencionalidade precisa, onde se mesclam o amor, a fraternidade, o sofrimento, a rebeldia, consubstanciando, assim, uma poesia de intervenção.

Da mesma antologia constam dois contos de Mia Couto, “A fogueira” e “Rosalinda, a nenhuma”, com a seguinte referência do prefaciador acerca da ficção de Mia Couto:

Os motivos comuns que atravessam a escrita de Mia Couto, pilares de um eixo axiológico central, são a profunda crise económica e cultural que acompanha o quotidiano da sociedade moçambicana, durante e depois da guerra civil, ou seja, após a independência nacional. O que se problematiza, fundamentalmente, é a instabilidade na qual está mergulhado o povo moçambicano, o desrespeito pelos valores tradicionais, a despersonalização, a miséria e a precipitação para a morte. O êxito dos seus livros tem a ver também com uma originalidade discursiva, confirmando a criação de uma nova linguagem literária.

O segundo livro é a tradução do romance *Predadores*, de Pepetela, publicado em 2008, com a seguinte observação do prefaciador acerca do teor da narrativa:

Pepetela explora um universo onde impera a lei da selva, com personagens que se devoram numa história a evidenciar a ambição desenfreada, o jogo de favores, o compadrio, os abusos políticos e a corrupção do poder. O leitor observa o percurso existencial dos protagonistas, a sua ascensão e degradação, as transformações ideológicas que acompanharam a implantação do Estado socialista em Angola, a posterior abertura para a economia de mercado, cujo funcionamento promulga profundas injustiças sociais.

A terceira tradução é do romance *O testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo*, de Germano Almeida, publicada em 2009, de cujo prefácio transcrevo o seguinte trecho:

De um modo geral, as narrativas de Germano Almeida conseguem desdramatizar os temas clássicos da literatura cabo-verdiana, como o “regionalismo telúrico”, a “crioulidade” e a “individualização” dos fenómenos socioculturais do arquipélago. O que sobressai do romance publicado em búlgaro é uma visão muito particular do homem de Cabo Verde, apanhado em momentos de exaltação de prazeres e na sua imensa capacidade de gozar a vida. Paralelamente aos segredos insuspeitos das suas personagens, das suas fraquezas, tentações, emoções e sentimentos mais profundos, o autor põe a ridículo a natureza humana associada à mediocridade, à falsidade e ao oportunismo.

## **Bibliografia**

- ALMEIDA, Germano (2009). *Zavechtanieto na G-n Napumoceno da Silva Araújo*. Tradução de Snejina Tomova; prefácio e rev. da tradução de Petar Petrov. Sófia: Five Plus.
- PEPETELA (2008). *Hichnizi*. Tradução de Antónia Peeva; prefácio e rev. da tradução de Petar Petrov. Sófia: Five Plus.
- PETROV, Petar, *sel., pref., notas e red. da trad.* (2004). *Antologia da Literatura Moçambicana*. Sófia: Five Plus.
- PETROV, Petar, *org.* (2008). *Meridianos Lusófonos. Prémio Camões (1989-2007)*. Lisboa: Roma Editora.
- PETROV, Petar, *org.* (2018). *Meridianos Lusófonos. Prémio Camões (2008-2016)*. Lisboa: CLEPUL.